

“A CORTESIA DE DAR A CADA UM O QUE LHE É DEVIDO”: CONTRIBUIÇÕES DA NARRATIVA DE CHINUA ACHEBE PARA A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA POR UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL¹

Cadídja Assis Pinto², Claudia Mortari³, Willian Felipe Martins Costa⁴, Maria Cristina Martins Calixto Coelho Cardoso⁵, Luiza Ferreida da Silva⁶

1 Vinculado ao projeto “Modos de ser, ver e viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX)”

² Acadêmica do Curso de História – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientadora, Departamento de História – FAED – claudiammortari@gmail.com

⁴ Acadêmico do Curso de História – FAED

⁵ Acadêmico do Curso de História – FAED

⁶ Acadêmica do Curso de História – FAED

Este trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento da pesquisa intitulada “Modos de ser, ver e viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX)”, desenvolvida no âmbito do AYA - Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC). Estabelecendo um diálogo entre história e literatura, a pesquisa tem o intuito de refletir sobre as possibilidades de construir categorias de análise históricas a partir das narrativas de Chinua Achebe. Inserida no campo dos Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais e dos Estudos Africanos, as reflexões desenvolvidas partem do posicionamento de que é preciso e possível construir diálogos sobre, com e a partir de homens e mulheres africanos e africanas para pensar não apenas a História da África, mas também captar as contribuições de suas narrativas e reflexões para um aporte teórico-metodológico na prática historiográfica.

Embora o campo dos estudos africanos seja imprescindivelmente multidisciplinar, Paulin Hountondji (2009) argumenta que não basta que estejam interligados se a produção de conhecimento é feito de forma unilateral. É necessário, aponta o filósofo beninense, que ao produzir conhecimento sobre as Áfricas o diálogo seja estabelecido com e a partir de. Nessa chave, partimos em diálogo com o campo de estudos pós-coloniais ao reafirmar o continente africano enquanto um espaço geopolítico a partir do qual africanos e africanas, de seus *locus* de enunciação, expressam preocupações, reflexões, críticas e posicionamentos sendo, portanto, produtoras de conhecimento (FILHO, NASCIMENTO, 2018). Esta perspectiva nos é importante para refletir sobre de que maneira as escritas literárias de Chinua Achebe nos auxiliam para pensar sobre diferentes contextos históricos, políticos e sociais contribuindo, neste sentido, para a construção de categorias de análise histórias para o estudo de contextos africanos.

Chinua Achebe foi um escritor, professor e crítico literário do grupo igbo nascido em Ogibi, na Nigéria, em 1930. Até a data de seu falecimento, em 2013, o autor deixou inúmeras obras entre romances, poesias, ensaios e contos. Dentre estas obras, a reflexão desenvolvida neste trabalho parte de seu primeiro livro, *O mundo se despedaça*. Publicado originalmente em 1958 com o título *Things Fall Apart* e traduzido e publicado no Brasil em 2009 pela Companhia das Letras, esta obra foi a responsável por levar Chinua Achebe para a cena internacional como um dos livros mais importantes da literatura africana do século XX. Durante sua vida e obra, estabeleceu uma crítica

contundente à presença colonial nos territórios africanos, presença esta que se estabeleceu a partir dos regimes coloniais e se estendeu ainda no pós-independências. A chave importante que Achebe nos oferece é perceber como, a partir de sua arte literária, o autor retoma para si o direito de narrar e contar suas história a partir de seus próprios olhares, experiências e percepções.

Segundo Achille Mbembe (2019), a colônia é um elemento central “nas escritas negras de si” (p.187) porque ela é cenário, experiência e memória que dá corpo às subjetividades e às linguagens sobre o passado e o presente. Para o filósofo camaronês, ao acionar essas narrativas para a análise e construção historiográfica, o que interessa não é tanto a verdade, mas sim “o jogo de símbolos e a sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos atos falhos e os lapsos, em suma, a resistência à admissão” (MBEMBE, 2019, p.186). É neste sentido que as ideias do autor, enquanto aporte teórico-metodológico, contribui nesta discussão para perceber sobre como a memória da colônia é acionada na escrita de Chinua Achebe (2009), e a partir disso, quais categorias de análise sua narrativa nos proporciona para pensar a história de África dos períodos coloniais e pós-independência, contextos estes nos quais o escritor esteve inserido durante sua trajetória.

Em *O mundo se despedaça* (2009), Chinua Achebe nos apresenta incontáveis elementos interessantes que nos permitiram desenvolver esta pesquisa. Contudo, faremos um recorte que consideramos caro para pensar as possibilidades de sua escrita para a prática historiográfica. Segundo as historiadoras Claudia Mortari e Luisa Wittmann (2019), a ideia de “equilíbrio das histórias” que Chinua Achebe coloca se demonstra como essencial pois apresenta uma crítica à prática historiográfica moderna/colonial que produziu uma extensa lista de imagens estereotipadas e nocivas sobre África e suas populações (MUDIMBE, 2013), e ao mesmo tempo, propõe a construção de uma história que seja equilibrada: “onde todas as pessoas estarão hábeis para contribuir com a própria definição, onde nós não somos vítimas dos relatos de terceiros” (ACHEBE, 2013, s/p *apud* MORTARI, LUISA, 2019, p.23).

É a partir desta perspectiva que foi possível perceber, durante a pesquisa, que a memória da colônia acionada por Chinua Achebe não se trata de exaltar uma história em detrimento da outra, trata-se de “reconhecer uma presença”, “é a cortesia de dar a cada um o que lhe é devido” (ACHEBE, 2009, p.114). Um exemplo disso pode ser percebido a partir da própria construção do personagem principal da obra, Okonkwo, cuja personalidade é de um homem guerreiro, um dos líderes do clã, onde o autor nunca deixa de mostrar seus pontos fortes em movimento com suas próprias fragilidades e vulnerabilidades. Nesta chave, o autor nos permite pensar na possibilidade de construir uma prática historiográfica que se afaste de uma história exaltada e construções de heróis e se aproxime de pensar os sujeitos históricos em sua humanidade, enquanto sujeitos que são e estão em movimento com o mundo, suas escolhas, e as histórias que carregam consigo em suas memórias, corpos, e experiências vividas.

Palavras-chave: Chinua Achebe, Pós-Colonial, Literatura Africana